

HADÈS

O CLÁSSICO DA TAROLOGIA



CARTAS — & — DESTINO

GUIA COMPLETO
PARA LANÇAR CARTAS

*Metade do Conhecimento é a pergunta;
a outra metade é a resposta.*

ABOÚ ‘OSTSMÂN AL-MAKKI

Índice

PRIMEIRA PARTE: O TAROT	11
Capítulo 1 — A linguagem do Tarot	13
Capítulo 2 — O alfabeto do conhecimento: a linguagem dos arcanos maiores	23
Capítulo 3 — Os 56 arcanos menores	73
Capítulo 4 — As casas ou setores de influência: o quadro do jogo que constituem	81
Capítulo 5 — Como lançar o Tarot? As três tiragens correspondentes aos «três mundos»	87
Capítulo 6 — O significado dos arcanos maiores nas diferentes casas do jogo	107
Capítulo 7 — Os «encontros»	153
Capítulo 8 — A ligação entre o Tarot e a Astrologia	187
 SEGUNDA PARTE: AS CARTAS	 193
Capítulo 1 — As cartas: a cartomancia	195
Capítulo 2 — O significado das cartas	199
Capítulo 3 — Como lançar as cartas?	225
Capítulo 4 — As cartas respondem a perguntas	257
Capítulo 5 — Os «encontros»	263

PRIMEIRA PARTE

O TAROT

Capítulo 1

A linguagem do Tarot

A LUZ, LINGUAGEM DE DEUS

Comunicar é estar em ligação com qualquer pessoa ou qualquer coisa. A comunicação implica que se possa estar, ao mesmo tempo, a transmitir e a receber. Comunicamos com os que nos rodeiam por meio dos órgãos dos sentidos e é com eles que apalpamos, vemos, saboreamos, amamos. Extraímos os dados intelectuais de um código que os nossos semelhantes aprenderam como nós. O mesmo se passa com a linguagem. Um alfabeto permite-nos comunicar com os outros, transmitir-lhes as nossas sensações e receber outras.

Contudo, é noutro domínio, naquele onde se elabora e se forma o nosso futuro, que a linguagem dos sentidos ou do alfabeto se mostra insuficiente. Neste domínio (palavra que deriva do grego *doma*, casa, e do latim *domus*, casa), que não é a nossa casa mas a do Pai, isto é, do Príncipe que nos deu a vida, a imagem do nosso pai celestial, os nossos sentidos já não bastam. Permitem-nos comunicar com a matéria ligada ao espírito; indiferentemente, podemos entrar em contacto com um ou outro; contudo, não podemos dissociá-los a não ser pela morte. A partir desse momento desaparece totalmente a possibilidade de comunicação pelos sentidos.

Do seu domicílio, da sua casa, que está simplesmente acima de nós, sobre as nossas cabeças, e se situa no céu, num local que

nos domina (do latim *dominus*: senhor), fala-nos alguém que é um mestre, alguém que possui direito de vida e morte sobre nós, poder que exerce permanentemente pelo fôlego que nos dá e nos retira, alguém que nos domina. A sua linguagem é um alfabeto universal: a luz emitida pelos corpos celestes é, de certa maneira, o seu fôlego que chega até nós.

Somos como prisioneiros (emparedados na matéria) que, cansados de dialogar entre si, procuram comunicar com as forças luminosas que os podem libertar das suas prisões. Para que tal aconteça é necessário que haja um código.

Este código responde a algumas condições muito simples. E certo que apenas nos pode ser ensinado por alguém que o conheça. Nem sempre é o caso, e muitos — que não conseguiram libertar-se a si próprios — declaram a esses prisioneiros: eis a chave da vossa prisão. Tal chave não os liberta porque se trata de uma língua morta e de uma linguagem estéril.

Certas chaves apenas servem para abrir outras masmorras.

O código em questão é muito antigo. É invariável e obedece a princípios que são sempre os mesmos. Isto deve-se a uma única razão: o que se modifica é a matéria. O espírito, que não morre, que anima os que perecem e renascem, coloca-se, por definição, para além de qualquer modificação.

Daí a grande lei das ciências ocultas: uma carta (Tarot) tem sempre o mesmo significado. É apenas modificada por outra carta. Estas possibilidades de multiplicação, que se associam à fecundidade infinita dos acontecimentos, podem ser compreendidas graças a alguns princípios simples.

Há uma pessoa que tira as cartas (os tarots). É o intérprete, isto é, o que vê e decifra o alfabeto acima referido. Coloca-se entre o céu e quem o vai consultar: está fora das suas possibilidades «modificar» as coisas ou os acontecimentos anunciados. Não interfere na sua génese (que vem do céu) nem nos seus fins,

que dependem da vontade do consultante. Desempenha apenas um papel de transformação, de mensageiro do destino e de decifrador. Aplica sobre o que era escuro uma grelha, que torna as cartas luminosas e as transforma em alfabeto quotidiano, que nada mais é do que a linguagem habitual do consultante.

O consultante recebe esses dados. Integra-os na sua própria vida. Na medida em que não se libertou da matéria, os acontecimentos futuros na sua própria vida ou na dos que o rodeiam e aos quais está *ligado* (a palavra associação pressupõe um laço e, portanto, uma ocasião de sofrimento) são inelutáveis. Formam um jugo mais ou menos pesado, jugo triunfal com barras altas e douradas, entre as quais passará pleno de satisfação, se os acontecimentos anunciados forem bons. Jugo humilhante a que se submeterá se os acontecimentos forem maléficos.

Maléficos? Benéficos? Isto depende exclusivamente do consultante. Para um homem que não tem fome, um repasto copioso nada significa. Para o que tem fome, um fruto e um copo de água representam muito. A um homem que não é proprietário, o que limita o seu poder não tem nenhuma importância. Para um homem no seu primeiro ou último dia de vida, uma viagem de mil quilómetros não o preocupa. Mas aquele que se vai juntar à mulher amada interessa-se firmemente por ela.

Bom ou mau são noções flutuantes. A vontade faz muitas vezes a separação entre as águas nas quais poderemos flutuar e as outras em que nos afogamos.

O mestre não se pode definir a não ser em relação ao senhor supremo, que é Deus. Como a água, está em movimento incessante, transformando-se na corrente que corre da fonte vara o mar. As determinações temporais e espaciais desvanecem-se no diálogo empreendido com o absoluto; tudo não é mais do que um eterno presente.

Os racionalistas perguntam: como agem as cartas? A resposta, até certo ponto, é fácil: trata-se de uma concertação entre o visível (o homem) e o invisível (Deus, mestre de alfa e de ómega, do princípio e do fim, da vida e da morte e do nascimento e do renascimento). Daí o *rito*, isto é, as práticas invariáveis de carácter simbólico.

Na verdade trata-se de um ponto importante. Os usos, de carácter vulgar, inspirados por desejos pessoais, acabam sempre por sofrer modificações. A própria língua transforma-se. Para se entrar em contacto com o incomensurável é indispensável uma linguagem ritual. Deus fala por meio de sinais (etimologicamente «chama a atenção para...»). Esta é a razão por que, por exemplo, na religião católica, o sinal da cruz representa uma comunicação com um Deus que «chama a atenção» para o crucifixo, que serve de ligação com o Seu «enviado», o Seu «filho».

É-nos na realidade impossível entrar em contacto com Deus. Podemos orientar-nos na Sua direção e compreender a Sua linguagem, que é a da luz; trata-se da comunicação mística, a comunhão por amor e por vontade.

Para esta comunicação torna-se necessário um apoio. Este deve responder às seguintes condições:

Ser invariável. O mesmo significado corresponde a um acontecimento semelhante.

Estar ligado à Tradição (do latim *traditio*: ação de transmitir, entregar). Transmitir significa «mandar para além». A mensagem que contém vem de uma direção e caminha para outra. Do mesmo modo que a ciência criou uma transmissão, mas unicamente entre dois pontos materiais (por exemplo, a origem de uma emissão de TV e o nosso recetor), o homem ligado à Tradição «transporta» uma mensagem entre dois pontos; a única diferença é que esta se refere ao espírito.

O Tarot constitui uma mensagem tradicional. A única que se encontra neste caso, livre das imitações criadas por tal ou tal vidente e que não oferecem qualquer dado tradicional, é a chamada *Carta de Marselha* cujas lâminas são os suportes, por muitas razões, de verdades hoje ocultas. Como a Geomancia, as cartas e a Astrologia, um dos sentidos do Tarot *de Marselha*, têm um significado profético. Permitem, devido a sua ligação com o princípio e o fim, prever os acontecimentos futuros, extraíndo-os, na presença do consultante (que, bem entendido, também o pode fazer), do eterno presente.

COMO VIRAR AS CARTAS E PORQUÊ?

Não devemos nutrir qualquer ódio contra seja o que for; não devemos também sentir qualquer afeição. Neste estado intermédio, que é a libertação tanto da afeição como do ódio, penetra o brahman¹.

O VIJNANA BHAIKAVA

Estamos restringidos, até à libertação final, num mundo de dualidade. Este dualismo é e será a causa principal dos nossos sofrimentos. Para lhe pôr termo, devemos retirar-nos do mundo da matéria.

Poucos de entre nós são capazes de dar prova de tal sabedoria. Desejamos, ao mesmo tempo, essa sabedoria e a serenidade que ela implica, a riqueza, os bens materiais, o amor (nome que damos à posse de um ser, sem saber ainda que na realidade não se possui mas que, literalmente, se pode ser possuído pelos próprios sentimentos), o renome, a glória, etc.

O Tarot possui um duplo sentido. Por um lado, pela contemplação das verdades eternas que o iluminam e de onde partiu, dado que elas pertencem a Tradição, o que nos permite uma primeira compreensão destas mesmas verdades. Podemos afirmar, com segurança, que o Tarot nos revela imensas coisas, nos orienta ainda mais no bom sentido, nos aproxima mais e nos permite maior percepção mística.

Para os ignorantes é como tuna linguagem morta, «não fala».

Por outro lado, situando-se de certo modo num ponto entre nós e algo de eterno, regulariza a corrente temporal, faz-nos ver

¹ O *brahman* é o estado que se situa para além de todas as afeições e o princípio transcendente, o «poder sagrado». É o estado no qual se encontra fora do dualismo, princípio constante do sofrimento a que devemos escapar definitivamente.

nela um centro, isto é, aquilo a que chamamos (muito imprópriamente) futuro e que nada mais é do que um eterno presente. Pode dirigir-nos e instruir-nos. Trata-se de uma dupla função, essencialmente sacerdotal; assim se justifica que, na sua origem, tenha sido dominada pelos sacerdotes e pontífices. Na noite de Kali-Yuga, onde nos encontramos atualmente, vale mais ao adepto, ou mesmo ao simples curioso de boa-fé, estudar pessoalmente o Tarot do que depositar a sua confiança nos numerosos charlatões que pululam à volta das cartas sagradas. Se seguir as regras que vamos explicar, de forma clara e sistemática, atingirá um nível mais elevado do que o de muitos profissionais que presentemente operam nos países orientais. Contudo, nunca deverá esquecer, quando tira as cartas para si próprio, que terá de aceitar com humildade o seu veredito. Os principiantes têm tendência para lançar muitas cartas, ou pôr simplesmente de parte as que os incomodam. Se o primeiro lançamento não estiver de acordo com os seus desejos (por serem naturalmente vivazes e egoístas e se preocuparem apenas com o seu «eu»), fazem outra, obscurecendo assim os influxos e ficando impossibilitados de conhecer a verdade. Se alguém desejar lançar o Tarot para si, deve ser capaz de suportar a verdade, qualquer que ela seja. O consultante obedecerá, portanto, aos princípios muito simples que a seguir se indicam:

- Qualquer carta tirada deve ser deixada no seu lugar.
- Não se podem lançar mais cartas do que as indicadas para os diferentes «jogos».
- Não é aconselhável lançar de novo o Tarot nos dias que se seguem; é necessário aguardar os acontecimentos indicados pelas cartas tiradas. Somente depois, dentro de um período variável, que nunca poderá ser inferior a três semanas (21 dias, número do Mundo), é possível fazer outro jogo e consultar de novo o Tarot.

- É evidente que nunca deverá lançar o Tarot aos que se dizem incrédulos, porque então não passaria de um simples jogo de sociedade.

- É indispensável, quando tira o jogo para si ou para outros, que se concentre ou convide eventualmente o seu consultante a fazê-lo.

- No início deverá marcar com cuidado os resultados obtidos, verificando a sua realização. Assim haverá a possibilidade de se controlarem os próprios progressos na ciência do Tarot. A intuição e a percepção extrassensorial aumentarão em proporções notáveis.

- O Tarot deve ser sempre considerado um guia favorável. O que chamamos de «sorte» para ele não é mais do que atraso. O que batizamos, espantados, de «catástrofe» é um progresso na via espiritual e na libertação.

COMO LANÇAR O TAROT?

Muitas possibilidades se oferecem ao consultante, conforme o seu desejo: a resposta a um problema específico, uma breve ideia do futuro próximo, um lançamento de ambiente ou, pelo contrário, uma visão completa de todos os problemas em suspenso, obtendo então um panorama de conjunto, válido por muitos meses. Daremos exemplos precisos de cada lançamento, mas antes devemos falar dos arcanos maiores e menores, bem como da sua inserção no jogo com a ajuda das casas (que são os diferentes setores da vida do consultante).

Pode-se aceitar o que se segue como princípio geral:

- Nunca se deve lançar o Tarot para outra pessoa, a não ser que esta tenha formulado um pedido preciso e claro. Não é aconselhável consultar o Tarot por simples curiosidade ou para

dar prova dos seus dons supranormais (repetimos que se entra no domínio do supranormal a partir do momento em que se procura elevar a si próprio ou a outros, em consequência do qual se afasta da matéria, a única possibilidade de escapar à sua atração, ao seu «peso» e à sua influência). Para si próprio, é preciso um problema específico ou uma espécie de inquietação generalizada, a partir de um facto dominante ou que possa prevalecer sobre a vida e que esse facto se refira ao plano afetivo, profissional ou familiar, etc. O importante é a sinceridade.

Como para o Yi-King, os segredos deixam-se apenas penetrar pela «extrema sinceridade». Em presença das cartas nenhuma inteligência «resiste», porque se trata de um diálogo com o absoluto, sob uma forma que condescende, por analogia e simbolismo, em vir até nós, não obstante a matéria e a impureza dos nossos desejos. O consultante deverá, portanto, abordar o Tarot com grande humildade.

Devem seguir-se sempre os mesmos ritos:

- Se se tira o Tarot na presença de diversas pessoas que acompanham o consultante, apenas este poderá eventualmente solicitar esclarecimentos ou formular novos pedidos. As outras *devem* guardar silêncio.

- É necessária a presença *física* do consultante. Nunca se deve utilizar o telefone, etc.

- As cartas devem estar sempre direitas e nunca viradas. Se alguma estiver voltada, endireita-se imediatamente. As cartas viradas constituem um apelo a forças maléficas. Em numerosos livros encontram-se diversos significados (sem relação com a Tradição) para tais cartas. Todos os jogos virados chamam pelas forças tenebrosas do inconsciente. Apenas um apelo para o consciente e a luz pode ligar de novo o consultante (e o mestre que tira os tarots) às forças luminosas que vêm encarnar-se no plano terrestre.

- Deve utilizar-se uma fonte de luz assaz fraca, por exemplo, uma simples lâmpada, um candeeiro de cabeceira, etc. Não deverá haver qualquer fotografia sobre a secretária, etc., ou na superfície sobre a qual se efetua a consulta. Num lançamento pode-se utilizar a fotografia de uma pessoa, mas apenas quando se deseja ser informado a seu respeito ou no caso de ela intervir na vida do consultante.

- Os aparelhos de rádio, televisão, etc., deverão ser desligados. A presença de crianças, pessoas estranhas à consulta, etc., poderá falsear os resultados.

- Nenhum cigarro deverá ser aceso, quer pelo consultante quer eventualmente pela pessoa que tira os tarots para outrem.

- A concentração e a sinceridade são palavras-chaves indispensáveis ao êxito do lançamento.

- O Tarot pode ser consultado, para si ou para outra pessoa, em qualquer momento. Não há ocasiões privilegiadas ou propícias. O único problema importante, repetimos, é haver a necessidade de uma resposta do destino para si ou para a pessoa que o deseja consultar.

- O leitor deve ficar bem certo de que cada apelo ao Tarot converge para as forças ligadas ao fôlego e que são «suportadas» pelos 22 arcanos maiores. Estas lâminas, como os símbolos que representavam, por exemplo, o alfabeto hebraico e a cabala (palavra que significa «receber» e deriva igualmente do hebreu rabínico *qabbalah*: tradição), constituem apelos a forças poderosas. Daí o respeito que, como para todos os objetos rituais (por exemplo, os vasos sagrados do catolicismo, que permitem pela carne e pelo sangue ligar o sacrifício humano ao sacrifício divino simbólico), deve rodear o Tarot.

Capítulo 2

O alfabeto do conhecimento: a linguagem dos 22 arcanos maiores

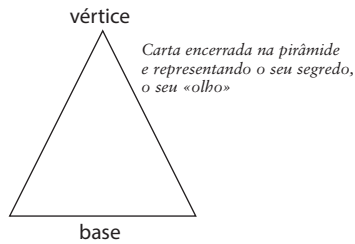
O Tarot *de Marselha*, o único tradicional hoje, isto é, o que veicula um pensamento inicial e profético, é composto por 78 cartas. As 22 primeiras cartas são chamadas «arcanos maiores».

Muitas vezes, nomeadamente para responder a uma questão ou a uma série de problemas de forma precisa, utilizam-se apenas estas 22 cartas, que constituem o coração do Tarot, a sua alma. Os arcanos menores têm a sua importância, mas não podem atingir, formar ou simbolizar um acontecimento. Permitem ver em que domínio vão ocorrer ou dão informações secundárias.

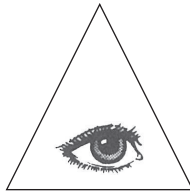
OS ARCANOS MAIORES

Enquanto os arcanos menores comportam oito vezes sete cartas, ou seja, um total de 56, os arcanos maiores englobam três vezes sete + 1 carta ($3 \times 7 + 1$). Trata-se, portanto, do ternário, chamado de pirâmide, figura suscetível de numerosas interpretações esotéricas.

CARTAS E DESTINO



Os arcanos maiores apresentam, portanto, a seguinte imagem simbólica:



As possibilidades de escapar às sucessivas reencarnações são indicadas por esta carta extraordinária. A figura da pirâmide é a única que permite subir da base até ao topo; convém mencionar aqui que o signo astrológico mais elevado, colocado de forma natural no zénite, é o de Capricórnio, que forma uma montanha, imagem física que mais se aproxima da pirâmide, com a sua base, onde se é, de certo modo, «esmagado» pelo peso da matéria, e o vértice, o ponto mais próximo do céu, significado temporal do poder que permite orientar os outros homens, ou mais ainda: o poder espiritual cujo objetivo é estabelecer a comunicação entre o ser e Deus, passando então o cume da montanha a ser esse ponto privilegiado mais próximo do Conhecimento absoluto. Todos os arcanos maiores são numerados de 1 a 12. Como consequência, adaptam-se a valores mensuráveis e à matéria.

A primeira carta, o Mago (*Le Bateleur*), significa — como veremos dentro de pouco tempo — a iniciativa, e a última carta numerada, a vigésima primeira carta, a ação. O Mundo converge sobre a totalidade do mundo; é esta a razão pela qual o seu simbolismo constitui um apelo aos quatro signos fixos do Zodíaco, que tradicionalmente geram e apoiam (e fazem desaparecer) o mundo criado, esse globo que encerra todas as criações humanas durante a vida terrestre. Entre o Mago (*Le Bateleur*) e o Mundo (*Le Monde*) situam-se, por um encaminhamento doloroso ou glorioso, todas as criações humanas sobre as quais o consultante interrogará, pessoalmente ou por intermédio do mestre, o Tarot.

Uma carta não numerada recorda o simbolismo do zero (ao mesmo tempo que evoca o círculo astrológico). Representa simultaneamente o indefinido das reencarnações sucessivas, que não podem ser numeradas pelo ser, mas que de modo algum são infinitas, e a possibilidade de ser totalmente «louco», ao contrário do que é numerável e mensurável. É a palavra bíblica que tão poucos compreendem: «O que deseja conservar a vida perdê-la-á e aquele que a perder será salvo.» Esta é uma das razões por que o Louco, a última carta não numerada, se encontra, ao mesmo tempo, aquém e além do mundo, assim como no universo físico os conceitos de «alto» e «baixo» são verificados e estabelecidos pelos nossos desejos e pela estimativa racional do tempo.

Acrescentemos que o zero, recordando o círculo astrológico, é uma prisão de onde se pode evadir contemplando o céu, evasão que constitui a libertação final ou as diversas reencarnações futuras. É também o símbolo da vontade, que pode aumentar ou restringir um círculo, esse mesmo círculo onde estão circunscritas todas as nossas vontades, sobretudo quando elas se referem apenas ao domínio físico ou mental.

O total do jogo compreende 11 cartas multiplicadas por 7 + 1 ($11 \times 7 + 1$). O número 7, algarismo esotérico por excelência e que evoca os sete planetas tradicionais, constitui a própria essência do Tarot. Os doze signos do Zodíaco são ainda recordados pelo facto de o total das cartas, 78, corresponder à soma teosófica dos números de 1 a 12.

DESCRIÇÃO DOS ARCANOS MAIORES



Um mago é uma pessoa que outrora fazia prestidigitação ou acrobacia nas feiras e nos locais públicos.

Simbolismo do número 1: este número situa-se na origem das coisas. Simboliza, em consequência, o princípio que anima e abre todas as sucessões possíveis. Por esta razão é tomado no jogo da consultante como o símbolo do amante, do noivo, do marido e do homem que a tem no coração. Constitui uma possibilidade ativa convergindo para uma realização. Assim como do seio de um oceano partem todas as vagas, do número 1 dimanam as diferentes potencialidades.

Sentido geral: todos os frutos do engenho humano se apresentam à personagem, que manobra com destreza os objetos

colocados à sua frente sobre uma mesa. O amarelo, o vermelho, o verde, etc., todas as cores se unem na mesa, cor de carne, que representa a atividade face ao mundo sensível, sendo este modificado pelos esforços humanos que o modelam, criam e recriam na ilusão incessante da Maya. Solidamente apoiado sobre os pés, o Mago introduz um princípio de ação na vida material e mental, aspetos da existência para os quais se encontra mais apto.

Julgamento: não se trata de uma carta espiritual e os segredos a que se refere são técnicos. O homem é colocado pelo seu nascimento perante um determinismo astral que se exercerá na esfera material, mental e anímica. Apenas o plano espiritual foge a este determinismo. Este plano, fechado na sua maior parte, existe, contudo, no simbolismo do número 1. Sendo este o gerador de todos os números, deve tomar-se o Mago como a soma de diversas possibilidades e, na verdade, nenhuma carta do Tarot sofre mais alterações por parte das outras que a rodeiam, isto é, das cartas que eventualmente se agrupam à volta dela. O sentido da prestidigitação (derivando etimologicamente do latim *digitus*: dedo, e de *praestigium*: ilusão, artifício) mostra bem que o Mago toca nas coisas *com os dedos*, as quais modifica perante todo o mundo sensível. No jogo, a sua presença mostra a modificação, o ponto de partida de qualquer coisa.

Não se poderia circunscrever mais claramente, por esta alusão penetrante ao mistério do mundo sensível e ao seu artifício, o facto da modificação perpétua da matéria, tal como o que aparece aos sentidos como sendo o mais forte, mas que na verdade é o que escapa ao homem e se lhe apresenta de novo sob outras representações amargas.

Sob a realidade do mundo visível esconde-se e dissimula-se uma realidade invisível; a primeira carta constitui um convite, para os clarividentes, a penetrar nesse mundo coexistente com o mundo sensível.

A sua presença no plano mental: inteligência e possibilidade de ação, de livre arbítrio. Um aviso e uma criação encontram-se à disposição do consultante.

No plano anímico: a sua principal característica é um movimento. Circunstâncias materiais vão favorecer o consultante, mas esta carta contém uma parte de ilusão, pelo que há necessidade de um julgamento claro. As outras cartas indicarão a direção do movimento.

No plano físico: sabemos que as cartas agem, em grande parte, sobre este plano físico no qual o consultante se encontra colocado, devido à sua sujeição à matéria.

Neste plano físico a indicação principal aponta um movimento, um impulso. Tem início um facto que vai orientar a vida do consultante. Para a consultante, trata-se do encontro com um homem (assim: como o Eremita, encontro com um homem de mais idade; com o Papa e o Amoroso, legalização de uma ligação ou casamento próximo, etc.). Independência, criação e impulsividade.

Deve conservar-se o sentido de uma ação próxima. As cartas que rodeiam o Mago mostrarão se esta ação será fecunda ou não. É certo que o Mago, junto da Torre (*La Maison-Dieu*), indica uma ação votada ao malogro, e significa um triunfo quando está junto ao Mundo. O Mago, junto do Carro (*Le Chariot*), revela que o consultante vai sair rapidamente das suas dificuldades.



O verdadeiro sentido da carta nada tem que ver com aquele que é atribuído à mulher que ocupa o trono de Pedro, lenda absolutamente infundada e que repousa apenas em lacunas históricas ou falsas interpretações. A Papisa representa aqui a Natureza, a energia sob o seu aspeto feminino, Ísis ligada a Osíris. Sabe-se que na mitologia hindu é a esposa de Shiva que gera, devido ao seu aspeto energético, todos os fenómenos naturais.

Simbolismo do número 2: todos os números estão contidos em gérmen na unidade. $1 + 1$ gera, pela repetição indefinida (mas não infinita) dos ciclos, a soma de tudo o que existe, existiu ou existirá. A par da sua definição, o 2 postula um crescimento. É o número da fecundidade. Nesta qualidade é representado nos tarots por uma figura feminina.

Sentido geral: enquanto o número 1 sugere valores solares, colocados acima do horizonte (no visível), os valores incluídos na Papisa situam-se abaixo do horizonte, num simbolismo noturno, realizando-se toda a conceção num meio fechado (útero), onde se desenvolve o gérmen, no mistério e no segredo. Lembrando esta interpretação, existe atrás da Papisa um véu, o qual pertence ao templo. Os caracteres traçados sobre o livro aberto são os múltiplos nascimentos ou renascimentos do livro

do destino, cor de carne, e que se referem à força geradora. Trata-se do *Livro da Vida*, lacrado com os sete selos, os sete espíritos planetários referidos no Apocalipse e que são, simbolicamente, os sete planetas tradicionais.

Julgamento: os três círculos da tiara são os três mundos acessíveis no plano humano. As pedras preciosas indicam os méritos do ser nas vidas anteriores. O livro regula o destino futuro e significa que todos os seus atos seguem o consultante. A Papisa possui o poder de multiplicar o poder das cartas que a acompanham,

A sua presença no plano mental: acima de tudo indica fecundidade. O consultante será dotado de imaginação e aquisição. As cartas vizinhas darão um apoio.

No plano anímico (o latim *anima*: alma, corresponde a essa fecundidade secreta que assegura o crescimento e o desenvolvimento): dado que a matéria se sucede a si mesma, a carta representa um renascimento.

No plano físico: a fecundidade da natureza e das forças femininas da gestação. No caso de um consultante, trata-se de uma mulher. Se for uma consultante, é ela mesma.

Pode-se tomar a carta como sendo uma gênese, mas com um desenvolvimento mais secreto, menos rápido do que o Mago. A fecundidade é aqui operada em todos os planos. Como consequência, a carta deve ser considerada benéfica.



É uma carta de multiplicação e movimento; faz surgir o que está escondido, perturba e anima o pensamento executor. Ajuda a progredir e manifesta as forças fecundas e secretas das duas cartas precedentes, Mago e Papisa.

Simbolismo do número 3: $2 + 1$ simboliza o poder latente, que recebe o germen masculino e a fecundação em ação. O 1 encontra-se acima do horizonte e é sustentado pela base, e o 2, situado numa posição recetora, constitui fonte de ação e iluminação.

Sentido geral: como todas as cartas que têm um cetro, esta preeminência revela a existência de um sentido de comando e de ação. A águia sobre o escudo mostra uma iluminação benéfica ao espírito e uma possibilidade de ensino, bem como de vidência. Um colar de ouro, formado por triângulos, recorda o 1, dirigente, e o 2, fecundante, por uma simbiose entre o consciente e o subconsciente, no qual o primeiro se impõe ao segundo, que o sustenta.

Julgamento: as forças mentais estão aqui à disposição do ser. A comunicação com o visível e o invisível está assegurada, mas, mergulhado na ignorância do seu poder, o ser utiliza apenas os sentidos para uma comunicação que continua a ser grosseira. Manter-se-á o sentido da multiplicação, pelo que há necessidade de interrogar as cartas que a rodeiam.

Age como *rails*, ondas, uma estrada, um caminho; serve unicamente para transmitir, daí a sua neutralidade.

A sua presença no plano mental: particularmente adaptada a este plano, a Imperatriz permite o ensino e a comunicação. É um veículo e um transporte. Serve igualmente de mediadora. A par desta função (*medius*: que está no meio), situa-se entre o 2, a fecundidade, e o 4, a estabilidade. Coordena e associa.

No plano anímico: são as forças do pensamento que podem ligar o microcosmo com o macrocosmo e inversamente. Por seu intermédio, o ser está associado (na maior parte das vezes sem o saber e, portanto, sem possibilidades de as dominar) a todas as grandes forças do Universo.

Elaboração, evolução e verbo têm significado através dela. É a força do fôlego; possui também o poder latente de despertar os diversos chacras (pontos energéticos que permitem ao ser desposar a força vivificante de paz do Cosmos, livre de qualquer dualidade e de toda a alternância).

No plano físico: simboliza todos os intermediários e mediadores. Os mensageiros, o carteiro, os livros, a edição, as viagens, o *rail*, o avião, etc. Os seus acompanhantes permitirão precisar o sentido, ao mesmo tempo que pode também multiplicar os efeitos das cartas vizinhas.

Significa pessoas jovens, inteligentes e animadas de boas intenções a favor do consultante. Os irmãos e as irmãs são igualmente regidos por ela.



Esta carta sugere o poder que cria e conserva, que organiza imperativamente uma esfera de vida. O cetro, o globo e a cruz representam uma decisão e um poder civilizador. As leis humanas regem uma sociedade de forma fecunda.

Existe uma transmissão hereditária do poder, uma concentração e uma vontade convergindo para a expressão ativa de uma casta.

Simbolismo do número 4: 4 é igual a 2 multiplicando por 2 ou 2+2. Enquanto a unidade multiplicada por si mesma continua a ser a unidade, o 2 constitui a base de um poder material, indo do quadrado ao cubo. Trata-se aqui não do simbolismo da esfera, analogia do céu, mas do simbolismo do cubo ou do quadrado, analogia da terra. Este número representa a certeza de qualquer coisa de finito, de uma criação com fronteiras próprias, não podendo expressar, apesar da sua harmonia aparente, senão a criação e a totalidade humanas.

Sentido geral: as modificações e as transformações são aqui suscitadas por uma atividade inteligente e fecunda, acompanhada por uma autoridade. A possibilidade de uma culminação é representada pela águia e o cetro.

Julgamento: trata-se de uma carta unicamente material, cujos efeitos serão fastos ou nefastos, consoante o acompanhamento;

para o consultante significa muitas vezes fortes possibilidades de realização no domínio material. No caso de uma consultante pode indicar encontro com um homem importante ou a promoção de uma pessoa pela qual se interessa.

A sua presença no plano mental: pouco adaptado a este plano; manifesta, sobretudo, a sua eficácia, inteligência e compreensão dos acontecimentos materiais.

O poder temporal domina e utiliza a sua força. Bons servidores.

No plano anímico: o plano anímico ou espiritual não interessa ao Imperador, preocupando-se quase exclusivamente com o domínio físico, o qual pode modelar com intenso poder. Este plano está praticamente fora do seu alcance.

No plano físico: ação triunfante, possibilidade de uma realização que pode servir de trampolim, que se pode dirigir em direção ao seu zénite. Negócios florescentes, acordo, fusão. Apoio de forças materiais que podem ser geridas com benefícios para si e para os que o rodeiam. Êxito na esfera material em que se vive.



O Papa tem o encargo de transmitir uma verdade exotérica², uma religião. Trata-se de uma força de ação no domínio espiritual, enquanto a carta precedente, o Imperador, se refere apenas ao plano material. A cruz de ouro de três braços empunhada pelo Papa domina os três mundos: mental, anímico e físico. A tiara é o símbolo de um ensino que pode ser comunicado a todos (o ensino esotérico está a cargo do Eremita).

As personagens ajoelhadas à sua frente representam a unção santificada pelos sacramentos e a entrada no adro dos primeiros segredos.

Simbolismo do número 5: este número, 4+1, simboliza a ação unitária que dirige as forças materiais, as quais lhe devem obedecer. Recordemos que, outrora, todos os «príncipes cristãos» obedeciam ao Papado e que a Idade Média foi uma convocação das castas hindus até ao momento em que o poder temporal real recusou a preeminência do Papado e do poder espiritual que nele existia. Desapareceria dentro de pouco tempo, em consequência da revolta da classe burguesa. Por este simbolismo do número, todos os nascimentos são dirigidos por um processo criador, que impõe à matéria a sanção do espiritual.

² De «exo»: fora. Doutrina religiosa que se refere à massa de fiéis, por oposição a esoterismo, que interessa aos suscetíveis de uma iniciação e que apresentem qualificações.

O número 5 também pode ser decomposto da seguinte forma: $2+2+1$, ou seja, uma mediação entre duas fecundidades, o que é, na verdade, o papel sacramental do grande sacerdote e dos seus auxiliares.

Sentido geral: é uma carta de poder espiritual, que faz descer o sagrado sobre o material, donde resulta o predomínio do pontífice sobre os reis da terra. Implica a intervenção da lei divina e constitui para o consultante a sanção de uma autoridade superior que o vem punir ou recompensar.

Julgamento: carta de legalidade exige ao consultante, para que este possa beneficiar da sua equidade e julgamento, serenidade e fé. As cartas que rodeiam o Papa esclarecem como e em que circunstâncias o consultante receberá um acontecimento que sai da sua vida comum, do quotidiano banal.

A sua presença no plano mental: está excelentemente adaptada a este domínio. Trata-se de um aviso espiritual que deve encontrar eco no plano físico. Exige, contudo, grande concentração. Revelação de uma vocação, de uma superioridade. Poder sobre os que estão à sua volta, principalmente por transmissão de princípios.

No plano anímico: apelo para se libertar da matéria; dons para o ensino. Algumas vezes é, com a ajuda de um mestre espiritual, um professor, um iniciador. E sempre necessário o desprendimento do meio e do físico.

No plano físico: carta de domínio que implica uma proteção ao consultante. Podemos, na maior parte das vezes, para os não iniciados no espiritual, ver nela uma carta da legalidade. Indica que será feita justiça e, por outro lado, favorece a vocação ou a dominação.

O TAROT REVELA O SEU DESTINO

O Tarot é um dos mais antigos jogos de cartas. Para o lançar, pode utilizar a sua forma tradicional — o Tarot de Marselha, um dos mais belos — ou um baralho de cartas normal.



Com a leitura deste guia, escrito de forma clara e recheado de exemplos práticos, ficará apto a lançar as cartas, a si ou a quem lhe solicite ajuda. Vai conseguir interpretar o seu significado e descobrir as respostas às questões que mais o inquietam.



**O significado das cartas • Os arcanos
maiores e menores • Como lançar
as cartas • Exemplo passo a passo de três
lançamentos • A resposta das cartas
às perguntas • O significado das cartas nas
diferentes casas • A ligação entre
o Tarot e a Astrologia**



FAROL
a luz da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8958-64-8



9 789898 958648

Esoterismo